



Volume 9, Número 2

**Dezembro 2016 a Fevereiro
de 2017**

**Boletim oficial da Sociedade Brasileira de Estatística
Bayesiana**

Seção da International Society for Bayesian Analysis

Bem-vindos, caros leitores, ao segundo Boletim ISBrA de 2016.

Começamos 2017 com a ISBrA sob nova direção, composta por Thaís C. O. Fonseca como presidente, Fernando Moura como secretário e Carlos Abanto como tesoureiro. O Boletim da ISBrA tem novos editores: Mariane Branco Alves (UFRJ) e Leonardo Bastos (Fiocruz). Agradecemos a confiança que nos foi depositada pela nova diretoria, na substituição da querida Rosangela Loschi, que deixou o boletim bastante alegre.

Abrimos o boletim com as cartas do presidente da gestão anterior, Flavio B. Gonçalves e da atual presidente, Thaís C. O. Fonseca. Na sequência, exibimos um levantamento de trabalhos de brasileiros publicados pelo *Bayesian Analysis*. O número prossegue com uma entrevista com o prof. Basílio de Bragança Pereira e, por fim, apresentamos um convite aos nossos leitores para que participem do V Congresso Bayesiano da América Latina (COBAL), a ser realizado na cidade de Guanajuato, no México.

Gostaríamos de agradecer à direção anterior, composta por Flávio Bamberga Gonçalves, Marcos Oliveira Prates e Vinícius Diniz Mayrink, pelo excelente trabalho à frente da ISBrA. Agradecemos a todos que contribuíram para a realização deste número do boletim, em particular à Professora Rosangela e ao Professor Basilio. Desejamos também boa sorte à nova direção. Talvez vivamos tempos de certa escassez de recursos. Outros que nos precederam já viveram tempos semelhantes, talvez mais severos e, com trabalho constante, ajudaram a desenvolver a Estatística bayesiana no país. Que possamos trabalhar em conjunto e, quem sabe, ser agraciados, também, com um pouco de sorte, sempre bem-vinda.

Boa leitura a todos,

Mariane e Leo.

Carta de Flávio B. Gonçalves, Presidente da ISBrA, gestão 2015-2016

Prezados colegas Bayesianos,

Esta é a última oportunidade em que vos escrevo como Presidente da ISBrA. A partir de 1º de janeiro a nova diretoria, presidida pela Prof. Thais C. O. Fonseca, inicia o seu mandato de 2 anos. Gostaria de aproveitar a oportunidade para fazer um relato do mandato que se encerra.

As duas principais ações tomadas pela atual diretoria foram a organização do XIII EBEB e a abertura do processo de registro da ISBrA. Ficamos muito satisfeitos com a realização do último EBEB. Graças ao esforço dos Comitês Científico e Organizador e da maciça e efetiva participação da nossa comunidade tivemos um encontro de altíssimo nível e no qual pudemos desfrutar de momentos muito agradáveis. Um relato detalhado do evento pode ser lido na edição anterior do Boletim.

O processo de registro da ISBrA continua em andamento. Infelizmente, tivemos um atraso devido a problemas burocráticos com a Prefeitura de Belo Horizonte envolvendo questões de licença ambiental. Tomamos as providências cabíveis e demos reentrada no processo junto à Prefeitura. Acreditamos que, assim que esta questão for resolvida, possamos finalizar o processo de registro em pouco tempo. Manteremos a comunidade atualizada nas próximas edições do Boletim.

Gostaria também de fazer um relato da parte financeira da ISBrA. Ao assumirmos nosso mandato nos foi repassado, pela Diretoria Passada, um saldo de R\$21.332,00. Graças aos auxílios e patrocínios angariados para o EBEB e o esforço da comissão organizadora para administrar os custos do evento, conseguimos fechar nosso mandato com saldo positivo. Foi dada ajuda de custo aos participantes do EBEB totalizando R\$14.748,00, o que garantiu que cada participante (de fora de BH) que apresentou trabalho em algum formato tivesse um auxílio mínimo (envolvendo outras fontes) de R\$470,00. Contando com os juros de poupança, o saldo atual da sociedade é de R\$41.202,22. Parte deste valor já está comprometido com os custos do registro (advogado, cartório, contador). Além disto, a sociedade terá um custo anual com serviços obrigatórios de contabilidade.

Por fim, gostaria de agradecer a todos os membros da nossa sociedade pela oportunidade e dizer que estaremos à disposição, como Diretoria Passada, nos

próximos dois anos. Agradeço também aos dois colegas de Diretoria Marcos Prates e Vinícius Mayrink pelo trabalho e cumplicidade, e a todos os colegas que nos apoiaram durante o nosso mandato, em especial, Rosangela Loschi, Dani Gamerman, Alexandra Schmidt e Adriano Polpo.

Em nome da Diretoria, ficamos com a sensação do dever cumprido e acreditamos estar no caminho certo para que a ISBrA continue crescendo de todas as formas possíveis.

Desejo a todos um Feliz Natal e um 2017 cheio de alegrias e realizações!

Flávio B. Gonçalves – Presidente da ISBrA

Carta de Thaís C. O. Fonseca, Presidente Eleita da ISBrA, gestão 2017-2018

Prezados Colegas Bayesianos,

Escrevo como a nova presidente da ISBrA para o biênio 2017-2018. Novamente agradeço a comunidade pelo apoio que recebi à candidatura da chapa vinda da UFRJ. Gostaria de enfatizar o grande apoio recebido da diretoria anterior, em particular, do ex-presidente Flavio B. Gonçalves.

Neste ano de 2017 temos o grande desafio de organizar o próximo EBEB aqui no Rio de Janeiro. Como primeira notícia importante posso adiantar que o evento será possivelmente realizado no IMPA, que é um renomado instituto de matemática localizado no Jardim Botânico, local bucólico e tranquilo na Zona Sul do Rio de Janeiro. O IMPA tem realizado um grande número de encontros e workshops em diversas áreas de pesquisa e nesta oportunidade irá apoiar a realização do nosso encontro Bayesiano.

Estamos empenhados para formar um comitê científico de alto nível e estamos buscando contato com renomados pesquisadores nacionais e internacionais para realização do nosso encontro.

Conto com a colaboração de toda comunidade para termos um mandato de muitas realizações e um encontro muito produtivo em 2018. Lembro que novas ideias são muito bem vindas.

Abraços,

Thais C. O. Fonseca (Presidente da ISBrA e da Comissão Organizadora do XIV EBEB).

Trabalhos de Brasileiros na Bayesian Analysis

Fizemos um levantamento de trabalhos de pesquisadores brasileiros e/ou estrangeiros baseados no Brasil, publicados na *Bayesian Analysis*, desde sua primeira edição. É uma forma de mostrar a evolução histórica da contribuição brasileira à revista do ISBA, fazendo uma ponte entre o capítulo brasileiro, ISBrA, e a Sociedade internacional, ISBA, além de incentivar nossos associados à leitura desses trabalhos e a prosseguirem contribuindo com outros.

A New Family of Non-Local Priors for Chain Event Graph Model Selection
Collazo, Rodrigo A. and Smith, Jim Q.
Bayesian Analysis Volume 11, Number 4 (December 2016), 1165-1201.

A Mixture Model for Rare and Clustered Populations Under Adaptive Cluster Sampling
Gonçalves, Kelly C. M. and Moura, Fernando A. S.
Bayesian Analysis Volume 11, Number 2 (June 2016), 519-544.

Optimal Design in Geostatistics under Preferential Sampling
Ferreira, Gustavo da Silva and Gamerman, Dani
Bayesian Analysis Volume 10, Number 3 (September 2015), 711-735.

Searching Multiregression Dynamic Models of Resting-State fMRI Networks Using Integer Programming
Costa, Lilia, Smith, Jim, Nichols, Thomas, Cussens, James, Duff, Eugene P., and Makin, Tamar R.
Bayesian Analysis Volume 10, Number 2 (June 2015), 441-478.

Parameter Interpretation in Skewed Logistic Regression with Random Intercept
Santos, Cristiano C., Loschi, Rosangela H., and Arellano-Valle, Reinaldo B.
Bayesian Analysis Volume 8, Number 2 (June 2013), 381-410.

Product partition models with correlated parameters
Monteiro, Joao V. D., Assuncao, Renato M., and Loschi, Rosangela H.
Bayesian Analysis Volume 6, Number 4 (December 2011), 691-726.

Spatial dynamic factor analysis
Gamerman, Dani, Lopes, Hedibert Freitas, and Salazar, Esther
Bayesian Analysis Volume 3, Number 4 (December 2008), 759-792.

Can a significance test be genuinely Bayesian?
Pereira, Carlos A. de B., Stern, Julio Michael, and Wechsler, Sergio
Bayesian Analysis Volume 3, Number 1 (March 2008), 79-100.

A skew item response model

Bazán, Jorge L., Bolfarine, Heleno, and Branco, Márcia D.

Bayesian Analysis Volume 1, Number 4 (December 2006), 861-892.

Multi-scale and hidden resolution time series models

Ferreira, Marco A. R., Higdon, David M., Lee, Herbert K. H., and West, Mike

Bayesian Analysis Volume 1, Number 4 (December 2006), 947-967.

Bayesian robustness modeling using regularly varying distributions

Andrade, J. A. A. and O'Hagan, A.

Bayesian Analysis Volume 1, Number 1 (March 2006), 169-188.

Entrevista com Basilio de Bragança Pereira

Por Mariane Branco Alves.

Foi com muita alegria que recebi a incumbência de entrevistar o sempre alegre Basilio, pesquisador generoso, orientador de dezenas de dissertações e sempre disposto a indicar referências que contribuam para o trabalho dos que o cercam. Além disso, exímio dançarino, pé-de-valsa apreciador de um bom bolero. Aposentado como professor titular da Faculdade de Medicina da UFRJ, Basilio iniciou sua carreira acadêmica em 1970 e a desenvolveu integralmente na UFRJ, tendo passado, além da Faculdade de Medicina, pelo Instituto de Matemática, Escola de Engenharia e COPPE. Doutorou-se em Estatística no Imperial College, sob orientação de Sir David R Cox, que permanece como uma de suas principais referências.

M.B.A.: Basílio, nós agradecemos sua disponibilidade ao conceder esta entrevista para o primeiro boletim da ISBrA sob gestão desta diretoria. Começando de maneira bastante canônica, gostaríamos que você nos contasse um pouco sobre quando e por que você se tornou estatístico e, sendo uma entrevista para a ISBrA, gostaríamos que você também nos falasse um pouco do papel do paradigma bayesiano na sua trajetória.

B.B.P.: *A Estatística chega em minha vida porque, quando eu tinha onze anos, nós tivemos que migrar para uma escola pública porque nosso pai perdeu o emprego. Então minha mãe descobriu que o IBGE tinha aberto um curso ginasial e ela conseguiu a inscrição para a gente. Então a gente – eu e*

meu irmão [Carlos Alberto de Bragança Pereira] – fomos para a Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE), eu com doze anos e ele, com onze. Depois fizemos o técnico e, a seguir, naturalmente fizemos graduação em Estatística e vivemos na ENCE durante onze anos. Depois eu fui fazer mestrado na COPPE (UFRJ) e meu irmão foi para São Paulo fazer mestrado no IME (USP) e, mais tarde, fomos para fora, eu para a Inglaterra e ele para os Estados Unidos. Então a razão de eu me tornar estatístico foi natural, por criação.

M.B.A.: Então foi por acaso que o acaso entrou na sua trajetória?

B.B.P.: *Bem, foi falta de dinheiro mesmo. [risos]. Minha mãe queria um filho médico e mais tarde, quando virei Professor Titular na Faculdade de Medicina, foi um êxtase para ela. Por isso, também, talvez inconscientemente, eu e Carlinhos trabalhamos nesta área*



Foto: Basílio. B. Pereira. Fonte: Currículo Lattes.

M.B.A.: E o paradigma bayesiano? A Estatística bayesiana chega em sua vida em qual momento e qual é o papel que ocupa?

B.B.P.: *Foi quando eu estava na Inglaterra. Naquela época vivia-se uma discussão muito grande sobre os fundamentos da Estatística (Likelihood Inference, Plausibility Inference, Pivotal Inference, Structural Inference, Bayesian Inference). Toda sexta feira, desde a época de Fisher, Neyman e Pearson etc, se realizava um seminário e todos os Departamentos de Estatística dos Colleges da Universidade de Londres fechavam e se encontravam para esse seminário, para o qual eram convidados os maiores expoentes da Estatística em visita à Europa na época, para que apresentassem palestras. Logo depois, havia minicursos sobre os diferentes assuntos, duas ou três semanas de minicursos. Nessa época, então, a gente ouvia muito o Adrian Smith, o Bernardo e o Dawid, eles eram da mesma geração e eram estudantes mais seniors em Londres, que estavam sempre nesses seminários e eram seguidores fiéis, arraigados, do Lindley. A discussão, em todos os seminários, era baseada nas perguntas que essa turma fazia e o Lindley sempre estava lá participando, então foi assim que começou. Finalmente, houve um curso, quando eu já estava lá no terceiro ou quarto ano e começava a entender os assuntos do seminário. O Adrian e o Lindley deram um curso de três ou quatro semanas sobre o livro do De Finetti. Também o Barnard deu um curso sobre “pivotal inference”, que era uma tentativa de conciliar o enfoque clássico, o bayesiano e structural. Assim começou meu interesse nisso e então eu comecei a ler os livros de Box e Tiao, à noite, em casa, e aí, em 1980, consegui convidar o Adrian a passar três meses no Brasil e ele deu seminários sobre os assuntos de tese de alunos (Spiegelhalter, Mike West e Makov) e um curso de Modelos Lineares Bayesianos. Eu escrevi as notas de aula que ele deixou. Estão lá no Instituto de Matemática [biblioteca do I.M., UFRJ]. Assim nasceu meu interesse pela Estatística bayesiana. Logo depois, dando aula na COPPE e em outros lugares também, eu comecei a perceber que a Estatística clássica ninguém entendia, principalmente os profissionais de outra área. Então eu sempre achei que se devia ensinar Estatística bayesiana para esse pessoal e, para os mais teóricos, ensinar os tópicos fundamentais de Inferência sobre redução de dados: ancilaridade, suficiência, invariância e Estatística bayesiana.*

M.B.A.: Eu tenho uma pergunta nessa linha. Como deveria ser o ensino de Estatística para outras áreas, por exemplo para a área de saúde? Nós agimos corretamente ao tentar ensinar métodos específicos a públicos que muitas vezes não têm requisitos anteriores que possibilitariam compreensão mais

ampla dos conteúdos apresentados e das hipóteses que delimitam sua aplicação? Deveríamos discutir mais o pensamento estatístico, a forma estatística de pensar? Como fazer com que as outras áreas compreendam o que a Estatística tem a oferecer? Não deveríamos, talvez, apresentar a Estatística a esses públicos sem ter como primeira preocupação treiná-los no uso de dispositivos que muitas vezes serão aplicados de forma absolutamente inadequada, por falta de fundamentação teórica? Como desenvolver o diálogo entre a Estatística e as demais áreas?

B.B.P.: *Acho que você tem razão no sentido de que não é preciso usar o tempo todo das aulas em testes de hipóteses, por exemplo. O que eu faço na Medicina e acho suficiente para qualquer área é pegar aquele livro de não-paramétrica do Noether (traduzido pelo Flavio e Lisbeth em 1983). Lá, há um exemplo “do táxi” que mostra todo o raciocínio de estimação, estimação por intervalo, testes de hipóteses. Uso também uma adaptação que fiz e é um capítulo do livro do Medronho, de Epidemiologia (1ª Edição). Depois eu apresento uma tabela com os testes mais usados e faço analogia com o tal exemplo do táxi. Mais importante mesmo, acho que é ensinar Estatística bayesiana. Eu costumo passar um questionário para que as pessoas respondam a perguntas como, por exemplo, o que é nível de significância em vários contextos e, na realidade, mais de cinquenta por cento das pessoas, incluindo algumas turmas que têm estatísticos, não conseguem entender o que é isso. Principalmente intervalo de confiança. A interpretação do intervalo bayesiano, em termos de probabilidade, é mais natural. As pessoas atribuem ao intervalo de confiança a interpretação bayesiana e a volta que se tem que dar para explicar adequadamente esses conteúdos, ninguém entende. Um exemplo bem feito, como o do taxi, pode passar as ideias com clareza.*

M.B.A.: Quais são os estatísticos ou cientistas de outras áreas que influenciaram o seu pensamento como estatístico?

B.B.P.: *Certamente, o Cox e depois, o Rao. Eu comecei a minha carreira com minha tese de doutorado e quando entrei na Faculdade de Medicina, eu escrevi um artigo que foi minha aula para o concurso de Titular. O artigo era um “review” do que tinha sido feito, desde que escrevi minha tese. A partir desse artigo, que saiu na Enciclopédia de Bioestatística, fui convidado a escrever um livro sobre esse assunto, recém-publicado pela Springer (Model Choice in Nonnested Families). Eu não gosto muito de me ater a um único assunto, preferi varrer várias áreas: séries temporais, controle de processos, econometria e atualmente aplicar técnicas de Machine Learning em Medicina.*

Estou começando a influenciar algumas pessoas. Outro dia, na defesa de tese de um aluno, uma professora – que tinha ouvido que eu fazia seleção de variáveis usando “Elastic net”, que é um pouco mais geral que o LASSO – perguntou ao aluno por que ele não tinha usado o “Elastic net”. Gosto disso: acho que a gente tem que introduzir metodologia diferente do padrão para responder mais adequadamente as perguntas.

M.B.A.: O que você acha que você fez de melhor na sua carreira como estatístico? O que você destacaria?

B.B.P.: *Uma coisa que me faz muito feliz, mas me faz ser criticado por alguns, é minha capacidade de sugerir assuntos, sugerir referências sobre os assuntos que as pessoas estão estudando, referências atualizadas que elas, muitas vezes, desconhecem. Isso me dá uma satisfação pessoal, apesar das críticas de que eu estou “jogando no campo do inimigo”. Eu não me importo, desde que eu colabore para que as pessoas façam um trabalho mais atualizado, mais completo. Isso me deixa muito satisfeito.*

M.B.A.: Eu, sou uma das pessoas que foi ajudada por essas iniciativas, em meu doutorado, quando você me deu acesso a um enorme arquivo de referências. Sou muito grata.

B.B.P.: *Isso eu aprendi com o Cox. Ele me dizia: tudo o que você ler, você anote em umas fichinhas. Depois de algum tempo, você não consegue mais anotar, hoje em dia é impossível anotar. Mas eu me lembro de coisas que eu sugeri às pessoas. Por exemplo: escolha de curvas de crescimento. Lembro de ter passado referências ao Migon sobre assunto, que eu tinha recebido de pesquisadores de Western Ontario que eu conhecia. Escrevemos um artigo no assunto. Tenho certeza de que aquela referência contribuiu para o trabalho dele e do Dani [Gamerman] em curvas de crescimento. Isso me deixa satisfeito. Não acho que a gente deva competir com os outros. A gente tem que competir consigo mesmo.*

M.B.A.: O que você gostaria de ter feito como estatístico e ainda não fez?

B.B.P.: *Eu gostaria de conhecer mais computação. Eu sou uma ostra em computação, então fico dependendo dos meus alunos e colaboradores nesse sentido. Até meus livros, eu escrevo a mão, manuscritos mesmo, lápis e papel. Queria saber mais computação. E gostar. Mas uma coisa que tem que ser levada em consideração é que quando eu fiz a graduação e era jovem, existia um computador no Brasil que era do IBGE e você tinha que marcar uma visita para ver, de longe [risos]. Só tive oportunidade de mexer em computação quando estava no Imperial College, em que tive um colega de turma, o Vern*

Farwell (Professor em Cambridge e University College), que me ensinou a usar FORTRAN IV e eu fiz toda a programação da minha tese assim, mas depois, quando voltei para o Brasil, abandonei e me perdi disso.

M.B.A.: Fale-nos um pouco sobre o foco colocado, atualmente, em “big data”.

B.B.P.: Isso é muito parecido com aquele negócio de alguns anos atrás chamado administração da qualidade, reengenharia etc. As grandes companhias chegaram, no passado, à conclusão de que pagaram verdadeiras fortunas para que seus analistas assistissem a aulas nos mais luxuosos hotéis e aquilo nada mais era do que planejamento de experimentos, controle de qualidade, inspeção por amostragem.

M.B.A.: Você acha, então, que há muito marketing em torno disso? Mas há, também, trabalho sério no assunto. Quais você citaria?

B.B.P.: *As pessoas sérias que eu conheço e que estão trabalhando nisso, são o pessoal de Stanford – Tibshirani, Friedman, Hastie, Efron –, Larry Wasserman, na Carnegie Mellon e eu devo estar esquecendo muitos outros. Tem ainda o Michael Jordan, de Engenharia Elétrica, em Berkeley, Girolami em Warwick e outros. Esses estão fazendo contribuições importantes, mas há gente que não sabe nada de Estatística, Computação e Matemática, montando cursos de “big data”. Isso não tem sentido.*

M.B.A.: Com isso, você talvez tenha antecipado a resposta a uma pergunta: qual é a diferença entre um estatístico e um cientista de dados? Quando você citou nomes de pessoas trabalhando seriamente em big data, você menciona uma lista de nomes profundamente ligados à Estatística.

B.B.P.: *Para mim, o que vai sobrar é o pessoal de Engenharia Elétrica e Ciência da Computação que faz aquilo seriamente. Eu acho que precisa haver uma interação maior entre os estatísticos e esses pesquisadores. Se olharmos para os departamentos de Estatística o exterior, certamente há um percentual que pode chegar a algo como 20% de docentes com formação em Engenharia Elétrica e Ciência da Computação. É preciso parar com a mania que se tem, na Estatística brasileira, de criticar, ao invés de ajudar, colaborar, com pessoas de outras áreas. Isso é antigo.*

M.B.A.: Tenho perguntas nesse sentido. Em conversas, temos observado que, no Brasil, a interação entre a Estatística e outras áreas não se dá de forma tão fluida quanto se vê internacionalmente. Em outros países, vemos uma interação que envolve reciprocidade: colaborações que permitem o desenvolvimento metodológico em Estatística para dar resposta adequada a questões que não são respondidas. O que poderíamos fazer para incentivar esse ambiente de colaboração mútua entre a Estatística brasileira e outras áreas?

B.B.P.: O Estatístico precisa colaborar. Um engenheiro elétrico, por exemplo, quando faz análise de sinais, pode usar técnicas que não são as mais adequadas do ponto de vista estatístico, mas ele resolve um problema relevante, que pode ser o problema da Petrobrás, da Marinha, descobrindo sinais de radar. Ele pode não estar usando a técnica mais adequada, mas consegue resolver parcialmente um problema. Então, o estatístico, ao invés de criticar o que se está fazendo, tem que ajudar, sugerir metodologia e com isso vamos ganhando respeito.

M.B.A.: Com a sua experiência como titular em uma Faculdade de Medicina e também de Pós-graduação em Engenharia, você acha que a interação entre estatísticos e, especificamente, os pesquisadores dessas áreas, tem sido eficiente no Brasil?

B.B.P.: Da minha parte, acho que tenho ajudado as pessoas a pensarem direito em Estatística. Um problema são estatísticos que prestam serviço a esses pesquisadores e resolvem questões rapidamente, fazendo muitas vezes o que o pesquisador de saúde está pedindo. Então o problema não é necessariamente de competência e sim de autoridade. O médico renomado solicita certo método e o estatístico tem que aceitar. No meu caso, isso não aconteceu porque já cheguei na área de saúde como titular. Quem não quis minhas opiniões nessas condições, se afastou.

M.B.A.: Para formar um estatístico dos dias de hoje, quais são os conteúdos necessários? E uma questão prévia: Estatística deve ser um curso de graduação?

B.B.P.: Hoje, com tanta gente com graduação em Estatística, acho que não é esse mais o ponto. Tanto na graduação quanto na pós-graduação, a formação de um estatístico deve ter um bom curso de Probabilidade, um bom curso de Inferência, clássica e bayesiana, e um curso de métodos estatísticos

(informação sobre regressão, estatística multivariada, séries temporais, amostragem, planejamento de experimentos). Pode ser até um curso elementar, não precisa adotar referências muito sofisticadas para esse curso de métodos. Com Probabilidade e Inferência tendo uma fundamentação teórica rigorosa, bem como Estatística bayesiana e Teoria da Decisão, o curso de métodos estatísticos poderia ter um caráter mais informativo.

M.B.A.: Você fez toda a sua carreira na UFRJ. Tendo passado pelo Instituto de Matemática, pela COPPE e pela Faculdade de Medicina, você deve ter uma visão muito privilegiada sobre uma das maiores Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) do país. Pode nos falar um pouco sobre sua experiência?

B.B.P.: *Eu comecei na UFRJ na época do Professor Coimbra (recordo que ele nos aguardava pela manhã vendo o nosso ônibus chegar e quem estava presente, mesmo no sábado) e recebíamos bolsa do BNDES. O Coimbra foi nos colocando depois em institutos da UFRJ. Fomos os pioneiros no Tempo Integral na universidade. Passei 3 anos na Engenharia, 16 anos na Matemática e desde 1998, estou na Medicina. Na COPPE (Pesquisa Operacional), onde sempre estive, fiquei também 5 anos como Professor Titular concursado. No IM pude travar maior contato com colegas estatísticos, o que mantenho até hoje, e que me permitiu continuar me atualizando na profissão e ensinar no mestrado além da graduação. Na COPPE tive a oportunidade de começar orientação de doutores junto com colegas do IM (Paulo Bravo, Annibal SantAnna, Helio Migon e Dani Gamerman), onde orientamos uns 40 doutores em tópicos de Estatística. Na Medicina, tenho tido a oportunidade de fazer aplicações de importância para a saúde humana, além de poder levar para esta área métodos mais modernos de Estatística a que não estavam acostumados, bem como poder aprender muito e conviver com profissionais com diferente formação e que me têm enriquecido muito.*

M.B.A.: Muitos afirmam que a carreira acadêmica tem se tornado pouco atrativa. Como se desperta o interesse dos jovens estatísticos para a academia, para a pesquisa em Estatística?

Eu acho que sempre vai haver o bom aluno que vai querer trabalhar na universidade, ensinar, mesmo que os salários estejam degradados. Se a pessoa é competente, vai ter chance de complementar sua renda com alguma consultoria eventual. Uma dificuldade grande é enfrentada por centros no Rio de Janeiro, por exemplo, em que a vida é cara, há medo de violência, mas

outros centros, no interior de São Paulo, Recife e em outros lugares têm tido mais facilidade para atrair jovens.

M.B.A.: Basílio, gostaria de pedir que você enviasse uma mensagem às pessoas que vão ler o Boletim.

Minha mensagem é em relação ao que dizia o Cox: o trabalho de um estatístico é colaborar com bons cientistas de outras áreas, não se restringir a um único assunto já conhecido, abrir a cabeça, tentar aplicar seu conhecimento a problemas importantes. Há gente de Estatística trabalhando em projetos em Educação, Finanças. Genética é uma área em que a Estatística bayesiana pode dar uma contribuição importante. O mesmo se dá nas áreas de Ensaaios Clínicos e Avaliação Tecnológica em Saúde que são carentes de estatísticos com boa formação acadêmica. Também, nós estatísticos temos que parar de só buscar bancos de dados para ilustrar técnicas sobre as quais se está escrevendo artigo. As pessoas precisam se conscientizar de que a construção de um banco de dados representa 80% do custo de uma pesquisa e ninguém vai entregar um banco de dados sem contrapartida. É preciso dialogar com as outras áreas e mostrar quais conclusões podem ser levantadas ao aplicar método estatístico inovador àquele banco de dados. Precisamos sair da concha e nos abrir a outras áreas. Fazer ciência.

Epílogo: Ao longo de sua entrevista, Basilio menciona várias vezes o termo “colaboração”. Colaborar é muito do que ele tem feito e continua a fazer, sempre com grande ânimo para novas ideias. Esperamos que esse ânimo possa inspirar nossos leitores. Abaixo, um histórico que resume boa parte de uma vida dedicada à Estatística.

Histórico	
Bacharelado	ENCE/ 1968
Mestrado	COPPE-UFRJ/ 1970
Doutorado	Imperial College/ 1976
Instituição	UFRJ/ 1970
Orientações	± 84
Livros	13
Artigos	92

V Congresso Bayesiano da América Latina (Cobal V)

O V Congresso Bayesiano de América Latina (COBAL V) será realizado de 07 a 10 de junho de 2017, no Centro de Investigación en Matemáticas (CIMAT) na cidade de Guanajuato, México.

As inscrições encontram-se abertas. Submissões de trabalho serão aceitas até o dia **28 de fevereiro de 2017** e os trabalhos aceitos serão divulgados até o dia 31 de março de 2017.

O COBAL é um evento de caráter internacional e, desde sua primeira edição em 2002, é reconhecido como um *ISBA Regional Meeting*. Visa promover e divulgar a Estatística Bayesiana em nossa região e criar um ambiente que permita a discussão e a interação entre pesquisadores, professores e estudantes objetivando fortalecer ainda mais o intercâmbio científico entre os Bayesianos Latino-americanos.



Nesta edição do COBAL, serão homenageados os Professores Pilar Iglesias e Francisco Torres pelas contribuições que deram a difusão da Estatística Bayesiana na América Latina.

Pilar (querida amiga de muitos de nós) foi uma das grandes idealizadoras do COBAL e, para homenageá-la, os comitês científico e organizador do COBAL decidiram por criar a sessão "Conferência Pilar Iglesias". Esta será a sessão de abertura do COBAL, a qual proporemos ser permanente a partir de agora.

Similar às edições anteriores, os idiomas oficiais do COBAL V serão o Espanhol e o Português.

A programação do COBAL V será constituída de um programa convidado constituído de minicursos e conferências proferidas por pesquisadores renomados e por jovens pesquisadores. Os seguintes convidados confirmaram presença:

Minicursos:

1. Manuel Mendoza (Introdução à Estatística Bayesiana)
2. Andrés Christen (Métodos computacionais e Estatística Bayesiana)
3. Gabriel Huerta (Estatística Espacial)

Conferencistas Convidados

Alexandra Schmidt
Bruno Scarpa
Luiz E. Nieto Barajas
Luiz Mauricio Casto
Miguel Angel Gomez Villegas
Peter Muller
Ramses Mena
Stefano Cabras

Jovens Pesquisadores Convidados

Carlos Barrera
Andrés Felipe Barrientos
Fabián Martínez
Mario Santana
Thais Fonseca
Michelli Anzarut
Flavio Bambirra
Cristian Bayes
Mauricio Sandile
María Lomeli

Maiores informações sobre o COBAL V podem ser encontradas no seguinte sítio: <http://cobal2017.eventos.cimat.mx/>.

Sobre Guanajuato, ver [https://pt.wikipedia.org/wiki/Guanajuato_\(cidade\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guanajuato_(cidade)).

Eventos Futuros

Congresso Bayesiano de América Latina (COBAL V)
Guanajuato, México – 07 de Junho a 10 de Junho de 2017

Bayesian Inference in Stochastic Processes (BISP)
Milão, Itália - 13 de Junho a 15 de Junho de 2017.

Bayesian Nonparametrics
<https://www.ceremade.dauphine.fr/~salomond/BNP11/>
Paris, França – 26 de Junho a 30 de Junho de 2017.

IMS Annual meeting and Joint Statistical Meetings (JSM 2017)
<https://www2.amstat.org/meetings/jsm/2017/>
Baltimore, Maryland, EUA - 29 de Julho a 03 de Agosto de 2017.

Diretoria

Presidente: Thaís Cristina Oliveira da Fonseca

Tesoureiro: Carlos Antonio Abanto Valle

Secretário: Fernando A. S. Moura

Editores Boletim: Mariane Branco Alves e Leonardo
Soares Bastos

Web: <http://www.ime.usp.br/~isbra/>

